



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## O significante fálico: a máscara de uma ausência

**André Luiz Pacheco da Silva**

Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO, Brasil  
Rua T-55, n. 930, sala 1101, Setor Bueno – Goiânia – GO, Brasil  
E-mail: psi.pachecosilva@gmail.com

**Elizabeth Cristina Landi**

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília, Brasília – DF, Brasil  
Docente do curso de Psicologia da PUC-Goiás, Goiânia – GO, Brasil  
Docente do curso de Psicologia da UFG, Goiânia – GO, Brasil  
Psicanalista, membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Goiânia, Brasil  
E-mail: elizabethclandi@gmail.com

---

**Resumo:** Este artigo pretende articular a contribuição da psicanálise lacaniana, a partir do significante fálico, para tentar responder à questão do feminino, tendo em vista que as construções teóricas freudianas acerca da sexualidade humana encontram obstáculos quando se trata deste problema. Inicialmente, procura-se compreender o significante enquanto conceito da linguística estrutural, bem como seu lugar na teoria psicanalítica. Discute-se também a importância do conceito de falo na constituição do sujeito e na fundação do desejo, além de sua relação com a sexualidade feminina. Conclui-se que o falo é o significante capaz de dar suporte simbólico à falta estrutural.

**Palavras-chave:** psicanálise; linguagem; falo; sexualidade feminina.

---

**Le signifiant phallique: le masque d'une absence:** Cet article entend articuler la contribution de la psychanalyse lacanienne, à partir du signifiant phallique, pour essayer de répondre à la question du féminin, considérant que les constructions théoriques freudiennes sur la sexualité humaine rencontrent des obstacles lorsqu'il s'agit de ce problème. Premièrement, le thème proposé est introduit pour comprendre le signifiant comme concept de la linguistique structurelle, ainsi que sa place dans la théorie psychanalytique. On discute aussi l'importance du concept de phallus dans la constitution subjective et à la fondation du désir, en plus de sa relation avec la sexualité féminine. On conclut que le phallus est donc le signifiant capable de donner un support symbolique au manque structurel.

**Mots-clés:** psychanalyse; langage; phallus; sexualité féminine.

---

**The phallic signifier: the mask of an absence:** This article intends to articulate the contribution of Lacanian psychoanalysis starting from the phallic significant in an attempt to answer the question about the feminine, given that the Freudian theoretical formulations encounter hurdles when it comes to that matter. At first, it seeks to comprehend the signifier as a concept of structural linguistics as well as its place in psychoanalytic theory. It also discusses the relevance of the phallus as a concept in the subject's constitution and in the foundation of desire, likewise its relation to feminine sexuality. It has been concluded that the phallus is therefore the signifier capable of giving symbolic support to the structural lack.

**Keywords:** psychoanalysis; language; phallus; feminine sexuality.

## **O significante fálico: a máscara de uma ausência**

*André Luiz Pacheco da Silva & Elizabeth Cristina Landi*

Em sua primeira tópica, Sigmund Freud (1915/2010) apresenta o inconsciente como um sistema psíquico caracterizado pelo princípio de prazer, por uma atemporalidade, por uma ausência de negação. Em outro momento de sua teorização, após a elaboração do conceito de pulsão de morte, descreve o aparelho psíquico em suas instâncias – id, eu e supereu – e constrói um outro dualismo pulsional, no qual inclui a compulsão à repetição e o funcionamento psíquico para além do princípio do prazer (Freud, 1920/2010; 1923a/2011). O autor entende que o psíquico é sexual, pois o sujeito é constituído como consequência da sexualidade experimentada desde os primeiros tempos da vida. Tais descobertas foram resultado das investigações freudianas acerca da etiologia das neuroses, que encontraram na realidade psíquica infantil as origens da constituição subjetiva.

Freud (1905/2016) atribuiu o desenvolvimento psicosssexual ao determinante pulsional presente desde tenra idade, sendo este dividido em fases marcadas por uma zona erógena predominante que orienta o modo de satisfação da criança. Em um primeiro momento, as atitudes passiva e ativa na experiência de prazer eram consideradas a questão central da sexualidade infantil até o complexo de castração e delineariam uma feminilidade ou masculinidade na organização genital da puberdade (Freud, 1923b/2011). Porém, ao revisitar o tema da sexualidade infantil, Freud (1933/2010) compreende que a noção de bissexualidade é própria à realidade psíquica e salienta que a atitude ativa ou passiva diante da modalidade de satisfação não é a variável que determina a predominância de masculinidade ou feminilidade. Além disso, essas características escapam à anatomia humana.

Diante das dificuldades de explicar a sexualidade feminina, Freud (1926/2014) referiu-se a ela como o “continente negro” da psicanálise. Justamente por se tratar de uma lacuna na teoria é que a investigação minuciosa se torna necessária para tangenciar possíveis respostas ao enigma do feminino – o que é ser uma mulher? o que quer uma mulher? O ponto de partida é sempre a infância e a relação da criança com a mãe, primeiro objeto de amor (Freud, 1931/2010). As experiências masturbatórias em meninos e meninas elevam o nível de importância de seus respectivos órgãos genitais devido a uma catexização libidinal elevada no pênis e no seu análogo, o clitóris. Com o complexo de castração – iniciado na identificação das disparidades anatômicas –, o menino e a menina enfrentam as consequências de maneiras diferentes (Freud, 1925/2011). O desenvolvimento psicosssexual feminino, em particular, teria três possíveis destinos: uma inibição da sexualidade, um complexo de masculinidade, ou a entrada no Édipo com uma atitude feminina (Freud, 1933/2010). Assim, aquilo que por muito tempo foi chamado de “inveja do pênis” está envolto por outras questões que vão além do prejuízo anatômico suposto pela criança.

Não é sem motivo que Freud (1923b/2011) substituiu “pênis” pelo conceito de “falo” em sua obra, ao concluir que há uma primazia do falo, em vez de órgão genital. Segundo Bulfinch (2002), na

mitologia egípcia, Osíris fora assassinado por seu irmão que lhe cortou o corpo e espalhou suas partes pelo Egito. Ísis, esposa de Osíris, saiu em busca das partes de seu marido e as encontrou com exceção de uma: o falo, a qual substituiu por uma peça em madeira de Sicômoro. Uma leitura possível do mito coloca em evidência que o falo é aquilo que falta, algo extremamente valioso. Esta substituição terminológica feita por Freud ressalta os aspectos simbólicos da castração e destitui a primazia da biologia. A relação do sujeito com o falo é determinante na diferenciação entre os sexos, e deve ser, portanto, o ponto de referência para se chegar à questão feminina.

O psicanalista Jacques Lacan toma para si a responsabilidade de ser um "autêntico freudiano" ao tentar responder as questões deixadas por Sigmund Freud. Debruçou-se sobre os estudos do inconsciente e empreendeu um diálogo ainda mais íntimo com outras áreas do conhecimento para construir conceitos que orientassem a prática psicanalítica contemporânea. Uma de suas contribuições foi introduzir elementos da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure na teoria psicanalítica. A partir disso, afirmou que o inconsciente é estruturado como linguagem (Lacan, 1955-1956/1988). A orientação lacaniana prioriza a noção de significante em detrimento do signo por sua independência em relação ao significado, o que inscreve a significação na ordem subjetiva.

Após beber na fonte de Freud, Saussure e da mitologia, Lacan (1958/1998) descreve o falo como significante da falta, cuja função é encontrar um sentido à *Spaltung* (fenda), ou seja, a divisão constituinte oriunda do complexo de castração. Há uma tentativa de dar conta deste vazio através de uma saída que geralmente se dá por via fálica, isto é, recorre-se ao falo para lidar com algo que foi subtraído, tal como Ísis, no mito, substitui o falo com uma peça de madeira. A observação freudiana sobre a castração aponta que esta tem funções de entrada e saída no complexo de Édipo para a menina e para o menino (Freud, 1924/2011). Lacan (1958/1998) vai além e atribui à castração a função de nó, de amarração no processo de estruturação dos sintomas passíveis de análise na clínica e da identificação com um tipo ideal de sexo que servirá de alicerce à constituição do sujeito.

Ao propor o falo enquanto significante da falta, Lacan não só contribui para a temática do desejo na teoria psicanalítica, mas, especificamente, sinaliza o possível trajeto a ser tomado a partir daquele ponto de partida freudiano no que se refere à questão feminina. Da subtração da vontade de satisfação à demanda de amor resulta o desejo (Lacan, 1958/1998). É aí que o significante fálico ocupa lugar, ele articula o desejo e a falta, configurando-se como uma saída à angústia da castração.

Dessa forma, faz-se mister a investigação aprofundada das consequências da castração na sexualidade feminina e de como se dá a relação de uma mulher com o falo. Diante de elementos linguísticos introduzidos na psicanálise por Lacan, que função desempenha o falo enquanto significante da falta na construção da subjetividade do sujeito? Qual o seu papel no esforço em dar conta da sexualidade feminina?

## **O Significante na Linguística e na Psicanálise**

Embora Sigmund Freud não fosse um linguista por formação, três volumes de sua obra – A Interpretação dos Sonhos, Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana e Os Chistes e a sua Relação com

o Inconsciente – anteriores ao curso ministrado por Ferdinand de Saussure, apontam para as estreitas relações entre o aparelho psíquico e a linguagem. Freud (1900/2013) mostra que os processos dinâmicos do inconsciente produzem efeitos de linguagem, tanto de ordem fonética quanto semântica. Estes dois últimos são elementos nucleares da linguística moderna, uma vez que o primeiro se refere às particularidades dos sons da fala, enquanto o segundo diz respeito ao sentido e ao significado das palavras.

Para Saussure (2001), o signo se constitui por dois elementos, significante e significado, que se associam arbitrariamente, uma vez que o significante é imotivado e não possui nenhum laço natural para com o significado. O vínculo só se estabelece graças às características da mutabilidade e imutabilidade concedidas pela evolução da língua, ao passo que acompanha as transformações da cultura e da sociedade. O autor define significante como a imagem acústica do signo, dotado de uma linearidade por ser disposto em cadeias sucessivas em uma linha do tempo. O significado é estabelecido como o componente conceitual.



Figura 1. O signo saussuriano (Saussure, 2001, p. 80)

Na ilustração do signo, a relação entre os dois elementos que o constituem se dá através de uma barra; significado (conceito) acima, significante (imagem acústica) abaixo. Na concepção saussuriana, ainda que se admita a mutabilidade do signo, esse é representado por uma cápsula que lhe concede uma densidade mais consistente.

Por ter bebido em tantas fontes de conhecimento, Lacan mostrou-se capaz de articular os saberes de diferentes áreas em seu retorno à obra freudiana. Neste movimento, valeu-se da linguística estrutural para fazer uma análise conceitual da psicanálise. No que diz respeito ao objeto de estudo desta, a descoberta do inconsciente surge da investigação freudiana, que teve a escuta das queixas de pacientes histéricos – sobretudo do sexo feminino – como principal fonte de dados. Na experiência clínica de Freud, a queixa se modifica em demanda, isto é, uma requisição ao outro, oriunda de um desejo e ele se põe a escavar os aterros do psiquismo. Suas definições de inconsciente vão desde um sistema do aparelho psíquico atemporal, regido pelo princípio do prazer, intolerante à negação e à contradição, cujos impulsos coexistem sem influência mútua, até se tornar o cerne dos fenômenos que envolvem as instâncias do id, eu e supereu (Freud, 1915/2010; 1923a/2011). Para Lacan, dado que comparece na fala, o inconsciente é relativo à linguagem e estruturado como tal (Lacan, 1955-1956/1988).

Quanto aos elementos próprios do campo da linguística, o significante saussuriano é étimo e epônimo do lacaniano, isto é, além de emprestar o nome ao termo, é condição *sine qua non* de sua elaboração. No entanto, Lacan não o estabelece sem modificações algorítmicas e conceituais, visando estabelecer paralelos em relação à teoria freudiana (Arrivé, 1999).



Figura 2. O algoritmo lacaniano (Lacan, 1957/1998, p. 500)

O psicanalista francês empreende intervenções cirúrgicas no algoritmo do signo saussuriano cunhado nos tempos do *Curso de Linguística Geral*. Ao retirar a redoma que envolve a relação entre significante (S) e significado (s), permite a livre circulação dos termos, para cima e para baixo da barra, além de implantar uma reciprocidade e definir tal relação entre os termos como dialética. Por fim, inverte a posição dos termos e elege a primazia do significante. Dessa forma, Lacan cunha um algoritmo cujos elementos pertencem a categorias diferentes e são, *a priori*, separados por uma barreira que resiste à produção de sentido, de significação (Lacan, 1957/1998).

De acordo com Arrivé (1999), o significante lacaniano não se reduz à imagem acústica, a uma palavra ou a um fonema tal como na concepção saussuriana de significante, mas se reporta àquilo que é significável e capaz de articulação. Em uma perspectiva lacaniana, o significante é menos arbitrário que contingente, isto é, ainda conserva sua qualidade de arbitrariedade, mas exclui o pressuposto da existência de um juiz, sustentando-se na categoria de conveniência.

É na oposição marcada pela linguagem que se encontra a estrutura do significante (Lacan, 1955-1956/1988). Quando se fala em antonímia (por exemplo: dia e noite, homem e mulher etc.), atribui-se aos termos opostos a qualidade de significante, conferindo-lhes a capacidade de articulação e significação. Lacan (1959-1960/2008) utiliza a metáfora do vaso para ilustrar o valor da oposição: que um vaso esteja vazio implica que venha a ser preenchido. Esta dualidade é característica própria do significante. A analogia se estende ao material: o barro do vaso tem na letra do significante o seu correspondente (Arrivé, 1999).

O significado é determinado pela articulação do significante, que em seu âmago nada significa. Assim como as células-tronco têm maior versatilidade na composição de tecidos quanto menos diferenciadas forem, também é, de forma análoga, naquela particularidade que está a potência do significante; sua fertilidade em conceber significações (Lacan, 1955-1956/1988). O significante nada tem de equivalência no que comporta para com o que representa; não remete ao objeto, mas a outro significante na medida em que há um esforço para significar uma ausência. Lacan (1957/1998) assinala que se o significante mantém relação com outro é por estarem dispostos em cadeia, e se produz efeito de sentido, é porque o significável sofreu sua paixão e assim passa a estabelecer vínculo com o significado (Lacan, 1958/1998). Em suma, sua essência não é subordinada a uma significação: a representação do significado é sua consequência e não causa (Lacan, 1957/1998). A significação é estruturada pelo significante e mesmo que haja modificação no significado, o significante permanece. Basta uma alteração elementar do significante para que as significações se alterem completamente (Lacan, 1955-1956/1988). Para frisar a natureza deste elemento linguístico, pode-se dizer que quando a parte constituinte do todo de significação se faz presente para nada significar, é que se eleva à condição de significante (Lacan, 1955-1956/1988).

Embora até aqui o esforço tenha sido na intenção de delinear as diferenças conceituais, a relação entre os elementos é substancial. Os sucessivos encontros harmônicos dos termos realizam significações, as quais ordenam a vivência subjetiva do sujeito, suas identificações. Lacan (1955-1956/1988) nomeia de ponto de basta o momento em que, entre tantas significações possíveis circundantes a um fenômeno, o significante e o significado se amarram para simbolizá-lo e a partir daí se instaura uma estrutura, uma organização que se irradia em cadeia. Linearmente, este ponto de basta é uma referência de um discurso.

“Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1960/1998, p. 833). Daí se conclui que o sujeito não se inscreve por si só, mas é efeito de linguagem, pois que a partir do atravessamento da linguagem é que se reconhece sua existência (Lacan, 1955-1956/1988). O significante lhe serve de argumento para situá-lo no simbólico, para lhe dar uma significação que só se faz presente quando articulada em cadeia, com outros significantes.

Por cadeia significante entende-se uma disposição linear, temporal de significantes que estão articulados entre si. É nesta disposição que o sentido se manifesta, mas ela não se limita a apresentá-lo. O sentido é efeito de significação, esta não está na cadeia, mas surge a partir dela (Lacan, 1957/1998). Apoiando-se na linearidade temporal da cadeia significante, é possível transferir o sentido de uma palavra à outra na forma de metonímia. E, a partir da ligação de dois significantes, em que se permuta um pelo outro na cadeia, sem que o substituído perca o vínculo – que é mantido pela via metonímica, isto é, pela transferência de sentido – com os outros elementos, tem-se a metáfora. Segundo Roudinesco e Plon (1997/1998), a condensação é um mecanismo do funcionamento do aparelho psíquico que tem como finalidade reunir vários elementos inconscientes que chegarão à consciência em uma única alegoria. Enquanto o deslocamento é um processo psíquico que transforma um elemento inconsciente em outra representação. No paralelismo conceitual da Linguística com a Psicanálise, da metáfora temos a condensação, superposição dos significantes; enquanto da metonímia temos o deslocamento, transposição da significação (Lacan, 1955-1956/1988).

Onde há significante, há presença simbólica. Até mesmo presença da ausência, dado que o significante instaura esta oposição (Lacan, 1955-1956/1988). É o que Freud (1920/2010) sinaliza ao discorrer sobre sua descoberta proveniente da observação do jogo do *Fort/Da*, no qual o bebê joga fazendo desaparecer (*Fort*) e aparecer (*Da*). A criança pode simbolizar o que passa a ser cognoscível, a partir da emergência daquilo que constituirá a estrutura do significante oriunda de uma oposição em pares. No jogo em questão, a associação de um fonema (*Fort*) a um fenômeno (afastamento do objeto) evidencia a presença de significante nomeando a ausência e, em seguida, a presença, produzindo sentido à experiência, constituindo uma cadeia. Nesta cadeia significante, localiza-se o sujeito representado por um elemento a outro. Lacan (1953/2008, p. 92) destaca a importância do significante na estruturação do inconsciente: “o que nos importa aqui é o sistema de significante na medida em que ele organiza, na medida em que ele é a armadura de tudo isso, determinando vertentes, pontos cardeais, reversões, conversões”.

## **O Falo como Significante da Falta na Constituição do Sujeito**

A partir da evidência do significante, aborda-se o registro simbólico, que se refere ao que é fundamentalmente da ordem da linguagem, do campo das significações. A realidade é construída em decorrência do encontro do sujeito com o Outro, este participa "como tesouro do significante, como sede do código" (Lacan, 1957-1958/1999, p. 154). É na relação com o Outro que emerge o desejo cujo significante é o falo.

Antes de abordar o falo e sua relação com complexo de castração e o desejo, é necessário comentar os dois outros registros propostos por Lacan: o real e o imaginário, que se entrelaçam ao simbólico constituindo o nó da realidade humana (Lacan, 2005). O domínio do real é, sumariamente, aquilo que escapa à significação, não podendo ser inteiramente simbolizado; enquanto isso, o campo do imaginário compreende as representações, as identificações, as relações a partir das imagens, é o próprio lugar do eu, da relação da imagem do eu com a imagem de outro semelhante.

O registro simbólico pode ser pensado a partir do conceito de falo, elaborado por Freud para demonstrar a organização genital infantil e marcar sua diferença em relação à organização genital final do adulto. Segundo o autor, tanto o menino quanto a menina se interessam pelo órgão masculino e se diferem pela presença ou ausência deste, porém, não se trata do pênis, mas de seu valor simbólico. "Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo" (Freud, 1923b/2011, p. 152). Assim, o conceito de falo apresenta uma bipolaridade, ele é tanto imaginário quanto simbólico. As diferenças imaginárias entre meninos e meninas produzem consequências simbólicas, que distinguem psiquicamente uns de outros. Freud (1925/2011) sinaliza que uma falta marcada no corpo, pode ser recoberta por um sentido, isto quer dizer que é na medida em que uma imagem corporal pode ser significada que o falo desempenha a sua função de significante.

O falo enquanto significante é o organizador estrutural que permite todas as outras significações (Lacan, 1958/1998). Uma vez que é o falo que está em questão no momento da percepção da diferença anatômica entre os sexos, ele prepara o solo para que haja a instauração do complexo de castração, ou seja, o temor inconsciente da ameaça de uma *aphanisis* (desaparecimento); marca a falta imaginária em seus efeitos simbólicos de nomeação desta ausência (Lacan, 1960-1961/2010). Assim, tanto para a menina quanto para o menino, a castração é simbolizada, eis que o falo desempenha o papel de denominador comum a ambos os sexos, a ambas as partes fracionadas pelo complexo de castração, conforme indica Leite (2013).

É nesse tempo que o pai se vale da linguagem para marcar uma falta simbólica de um objeto imaginário. Uma fenda se abre na terra, onde germinará a semente do desejo. O complexo de castração tem função de nó na estruturação dos sintomas e na identificação a um ideal de sexo, a uma posição subjetiva que se relaciona com o gênero e que organizará a sexualidade humana instaurada pela linguagem, pelo simbólico (Lacan, 1958/1998). Conclui-se então que o sexo não é natureza, mas efeito do significante fálico (Leite, 2013). Ademais, é a identificação do sujeito com um sexo que o situa no encontro com outro: se a identificação for do lado homem, a inscrição é

inteiramente na ordem fálica; se a identificação for do lado mulher, não se limita àquela ordem, algo fica para além do falo, ou seja, para além da simbolização (Leite, 2013).

Portanto, pode-se afirmar que o homem, por estar inscrito na ordem fálica, produz um significado a partir da castração que é o da importância de *ter* o falo. Por conseguinte, uma vez que uma mulher, de certa maneira, renuncia ao falo para se inscrever além do simbólico, ela encarna, nesse enigma indizível, o falo; assim, ela o *é* sem tê-lo (Lacan, 1960-1961/2010).

Neste sentido, na perspectiva lacaniana, o que está em jogo é essa dialética de *ser* ou *ter* o falo, ou seja, é a forma como este se faz presente no jogo da comédia dos sexos (Lacan, 1958/1998). Ser o falo pode, por exemplo, se dar pela via da identificação: o sujeito se identifica ao significante do desejo; ou também mediante a função de máscara que esconde a castração para responder ao desejo do Outro (Leite, 2013).

O autor demonstra ainda a equação referente aos registros simbólico e imaginário com o falo sendo o elemento central (Lacan, 1960/1998). No campo simbólico, o falo ( $\Phi$ ) funciona enquanto significante do gozo, ou seja, simboliza o lugar da imagem do órgão. Por outro lado, no imaginário, o falo negatizado ( $-\phi$ ) representa uma subtração. Segundo Leite (2013), dessa forma, resume-se que o falo mantém relações distintas dependendo de sua inscrição em cada um dos registros. Em relação ao imaginário, é negatizado ( $-\phi$ ) e inscreve a castração. Quanto ao simbólico, é positivado ( $\Phi$ ) e nomeia uma falta.

Portanto, a partir da assimilação das funções imaginária e simbólica do falo, entende-se a ausência identificada no corpo como antecedente da nomeação de uma falta angustiante que põe o sujeito na condição de desejante. Com base nesta noção de um ser castrado, a saber, portador de uma falta e, conseqüentemente, destinado a desejar é que se reconhece a função fálica na estruturação subjetiva do sujeito. Pois, como afirma Lacan (1958/1998, p. 700), "o falo como significante dá razão ao desejo" na medida em que a ausência imaginária leva a conseqüências simbólicas marcadas por este enquanto significante a fim de promover uma resolução pela via do desejo.

### **Sexualidade feminina e significante fálico**

Freud (1931/2010) assinala que para entender do que se trata a sexualidade feminina em psicanálise é preciso começar por considerar a atividade sexual originária da infância, a configuração edípica, as conseqüências do complexo de castração e o conceito de falo. A primazia do falo é central na organização sexual infantil, tendo em vista que sua significação pela criança impactará fortemente a sua formação identitária (Freud, 1925/2011). Dessa fase, destaca-se o clitóris como principal órgão da satisfação feminina nas experiências masturbatórias da menina e o valor como análogo ao pênis (Freud, 1905/2016). Para Freud (1931/2010), o deslocamento de uma posição ativa para uma passiva; a mudança da zona erógena na puberdade, do clitóris à vagina; o direcionamento ao pai após a constatação da castração da mãe são pontos cruciais no desenvolvimento psicosssexual feminino. Em suma, há travessias marcadas pela duplicidade própria da sexualidade feminina a serem

empreendidas no processo de se tornar mulher: da atividade à passividade, do clitóris à vagina na organização genital infantil, da mãe ao pai na escolha objetal.

Ao discorrer sobre a castração, Lacan (1958/1998) aborda alguns tópicos referentes à mulher. Em um primeiro momento, a primazia do falo recai sobre ambos os sexos; a mãe é considerada fálica e a significação da castração decorre da desconfirmação de tal tese, que provoca o afastamento da mãe e a aproximação ao pai, elegendo-o como objeto do complexo de Édipo. A menina constata a castração materna, que opera uma redução da atividade sexual acentuada por uma onda de recalçamento que define, segundo a perspectiva de Freud (1933/2010), os caminhos possíveis ao desenvolvimento da sexualidade feminina: a repulsa ao sexual, o complexo de masculinidade e por fim, a feminilidade, entendida por Lacan (1958/1998) como a identificação do sujeito quanto à sua posição subjetiva no jogo dos sexos.

A partir da indicação da diferença entre castração e privação para situar os caminhos tomados pelo menino e pela menina desde o complexo de castração. É pela constatação da ausência do pênis na menina – da falta real de um objeto simbólico, isto é, da privação – que o menino reconhece a castração – a falta simbólica de um objeto imaginário – como ameaça (Lacan, 1956-1957/1995). Leite (2013) ressalta que o complexo de castração feminino, em contraponto ao masculino que é marcado por um temor, tem sua execução verificada; a saber, a privação na sexualidade feminina equivale à castração nos homens. A condição feminina de ser privada conduz à reivindicação daquilo que lhe foi subtraído, porém só pode haver tal exigência uma vez assumida a castração e isto é algo essencialmente feminino (Freud, 1925/2011).

No que se refere à significação do corpo do ser falante, embora Freud (1924/2011, p. 188) aponte que a "anatomia é destino", esta frase não deve ser reduzida à indicação de que há uma primazia biológica em detrimento das consequências simbólicas da castração. A respeito dessa elaboração freudiana, Lacan (1962-1963/2005) destaca sua incompletude e promove um corte na palavra – ana-tomia –, evidenciando sua etimologia para assinalar o que contém de potente, a saber, sua função de corte. Com efeito, trata-se de indicar que o corpo é submetido a um corte efetuado pela operação simbólica do Outro da linguagem que o despedaça. Nas palavras de Landi (2017, p. 24), "desse corte resta o desejo. Assim, à anatomia está destinado o desejo".

Ser homem ou mulher é consequência da identificação da diferença anatômica entre os sexos marcada pela ação do significante fálico. Na medida em que ele "não é sem tê-lo", a ameaça de castração empurra para um afastamento do desejo incestuoso; enquanto ela "é sem tê-lo", ao passo em que reivindica uma resposta sobre o ser mulher a partir de sua privação fálica (Lacan, 1958-1959/2016, p. 236; Leite, 2013). Portanto, para a psicanálise, ninguém nasce mulher, torna-se.

A castração como falta simbólica advém da linguagem, que é lugar da lei. Esta inscrição simbólica faz referência ao falo, portanto, no momento da organização genital infantil, o que está em jogo é sua presença ou sua ausência, marcadas pela imagem do órgão genital masculino, enquanto o órgão feminino é preterido até ser (re)descoberto (Freud, 1926/2014). Além disso, uma vez que a privação não está no sujeito, mas no real, Lacan (1956-1957/1995, p. 55) afirma: "para que o sujeito

apreenda a privação, é preciso inicialmente que ele simbolize o real”, ou seja, a menina tem que se valer de um significante para recobrir o real. Na ausência de um significante no Outro que represente esta falta, o falo é convocado a dar significação.

Segundo Lacan (1971/2009, p. 60), todos os seres falantes – que habitam a linguagem – terão de se haver com a castração, com a hiância entre desejo e lei, ao passo que estão subordinados à função do falo que não sustenta a bipolaridade sexual no que se refere à natureza biológica, portanto “não há relação sexual no ser falante”. Há, no entanto, uma relação dita “sexuada” entre homem e mulher, na (ou para a) qual o falo é um terceiro termo e funciona enquanto semblante, isto é, como agente de discurso que, a partir de sua função significante de representar o sujeito – pela via do ter ou do ser (e do parecer) –, situa o ser falante como homem ou mulher no encontro com o Outro sexo. Neste contexto, o “parecer” no âmbito da linguagem tem como referência a exibição que, nos animais, viabiliza a copulação: é na medida em que o ser falante corresponde a algo do que é articulado enquanto masculinidade ou feminilidade na cultura que se constata o caráter de efeito discursivo de sua distribuição do lado homem ou do lado mulher por parte do semblante. Assim, “é próprio do destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres” (Lacan, 1971/2009, p. 30).

Uma mulher se vale da *mascarada* para encarnar o significante do desejo do Outro, ainda que para isso abra mão de parte da sua feminilidade, uma vez que se identifica com o falo, insígnia de masculinidade (Lacan, 1958/1998). A mulher parece ser aquilo que não é, pois ela está velada e a sombra do falo lhe serve de semblante, isto é, de artifício para suprir a falta que lhe é característica (Leite, 2013). E quer ser desejada pelo que apresenta: alguém cuja falta está velada e que lança às vistas os ideais de sexo que representa, sob o valor de fetiche, uma imagem projetada que esconde a castração.

O resultado da tentativa falha de inscrever a mulher pela via do significante na função da relação dos sexos produz a afirmação lacaniana da inexistência d’A mulher (Lacan, 1973/2003). A mulher não existe porque não há um significante que dê conta do feminino, que o universalize – vale sublinhar o artigo “A” do aforismo. De acordo com Landi (2017, p. 31), “há então no terreno da vida sexual feminina algo que não passa pela representação, não encontrando inscrição no psiquismo”. Assim, conclui-se que o feminino é distinto, é da ordem do singular. O seu lugar existe, embora permaneça vazio (Leite, 2013). Esta é uma formulação ulterior que tenta responder o problema da impossibilidade de uma regra geral para dizer o que é ser mulher, implicando-a no caminho da singularidade, do um a um. A saber, uma mulher deve encontrar a resposta para a questão fundamental do feminino – “o que é ser uma mulher?” – por si só.

Freud (1913/2012), a partir do pacto civilizatório do veto ao parricídio no contexto da horda primeva, expõe que função do pai (*Urvater*) é tomada simbolicamente como o lugar de uma lei universal e indispensável para o laço social. Esta lei corresponde à interdição do incesto e à instituição da monogamia, impondo limites às pulsões de tal forma que o desejo possa ser adequado à ordem social. Sendo assim, observa-se que, em contraponto, no lado masculino, existe uma regra

geral da exceção em que se baseia a castração: existe um que não é castrado; o pai, enquanto lugar da lei simbólica.

### **Considerações Finais**

Abordar o signo e seus elementos enquanto noção nodular da linguística estrutural é de extrema importância para compreender o papel do conceito de significante dentro da teoria psicanalítica de orientação lacaniana. Entende-se que o significante proposto por Lacan tem a função de representação de uma substância a outra. Sua essência não está delimitada em mera significação – a isso responde o significado –, mas sim em ser articulado, possibilitando que o sentido se faça presente em uma cadeia de significantes permeada de significados.

Lacan propõe que o falo seja o significante de uma estrutura sobre a qual repousa a organização subjetiva de um sujeito. Isto é possível porque sua propriedade de articulação permite dispor em teia as significações que sucedem aquela que responde à castração, fenômeno marcante que intervém na constituição do sujeito. Existe um esforço de circunscrever com linguagem – via significante – esta falta expressiva do momento da castração que resultará na identificação do sujeito com uma forma de ser, com uma organização sexual e subjetiva. Ao apontar a falta originária, o falo representa para o sujeito aquilo que lhe é da ordem da completude, cumprindo uma dupla função: é o significante da falta e do seu desejo.

No que diz respeito à sexualidade feminina, a produção freudiana indica um processo de renúncias e mudanças de atitude que, ao final, desembocaria em uma de três alternativas possíveis. Como complemento a essas considerações, considerando que a constituição do sujeito depende dos efeitos da linguagem na sua experiência, na sua vivência, a sexualidade humana não se restringe à designação do sexo, isto é, a constituição anatômica, biológica que caracteriza homem e mulher, mas se organiza pelo significante fálico. A relação da posição feminina com o falo é mais complexa que a masculina, uma vez que a significação dada à castração é de uma permanente ausência do falo, o sujeito feminino tem que se valer de artifícios para representar-se de forma fálica a fim de responder sua condição de privação, bem como ao desejo do outro. O significante fálico funciona, assim, como uma máscara que recobre a ausência do falo imaginário para uma mulher, deixando entrever a castração, que está sempre lá, marcando a presença da ausência.

### **Referências bibliográficas**

- Arrivé, M. (1999). Lacan, leitor de Saussure. In: *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente* (pp. 72-116). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bulfinch, T. (2002) *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis* (26ª Ed., D. Jardim). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Freud, S. (2010). O inconsciente. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

- Freud, S. (2010). Além do Princípio de Prazer. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Sobre a Sexualidade feminina. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2010). A Feminilidade. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011). O eu e o id. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923a).
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923b).
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2013). *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2016). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Em: *Obras Completas*. Tradução Paulo César de Souza. (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-56).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In: *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).

- Lacan, J. (2003). O aturdido. In: *Outros Escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (2005). O simbólico, o imaginário e o real. In: *Nomes-do-Pai* (pp. 9-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-60).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-61).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-59).
- Landi, E. C. (2017) *Feminino e Solidão* (Tese de doutorado). UnB, Brasília.
- Leite, M. P. (2013). *Deus é A Mulher*. São Paulo: IMP.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997).
- Saussure, F. (2001). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.

**Citação/Citation:** Pacheco da Silva, A.L.; Cristina Landi, E. (nov. 2018 a abr. 2019). O significante fálico: a máscara de uma ausência. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 97-109. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p97-109

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 03/08/2018 / 08/03/2018.

**Aceito/Accepted:** 12/10/2018 / 10/12/2018.

**Copyright:** © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.